

INTEGRA

# “França e Brasil vão trabalhar juntos, pela paz”

Esta é a íntegra do discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso na abertura do encontro empresarial franco-brasileiro, na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), a que compareceu com o presidente da França, Jacques Chirac:

“Excelentíssimo senhor presidente da República Francesa, Jacques Chirac, senhor governador do Estado de São Paulo, Mário Covas, senhores membros da comitiva francesa, senhores ministros de Estado, senhores parlamentares, senhor prefeito municipal, Celso Pitta, senhor presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, senhores empresários, senhores embaixadores, altas autoridades militares, senhoras e senhores,

Eu pediria permissão ao presidente Chirac e aos demais presentes para não me alongar, por uma razão muito simples: conheço esta casa, sei do interesse que o empresário brasileiro tem nas questões que dizem respeito ao desenvolvimento do Brasil. E, por isso mesmo, sei que eles estão todos ansiosos para ouvir o presidente da França, meu amigo Jacques Chirac.

Creio que o dr. Carlos Eduardo, ao fazer um balanço das transformações ocorridas no Brasil, já disse muito do que caberia dizer para que o presidente Chirac visse, de forma mais direta, o sentimento dos brasileiros. E melhor que tenha sido dito pelo presidente da Fiesp, que é um empresário, do que pelo presidente da República, de quem se poderia sempre dizer que está usando argumentos ‘pro domo sua’. Aqui nós não estamos usando argumentos em benefício nem de uns, nem de outros. É do Brasil e da relação do Brasil com a França. Eu diria, presidente Chirac, que

o fundamental que aconteceu neste país e acontece agora, entre nós, o Brasil e a França, é que embasa uma relação democrática, aberta. E a nossa sociedade brasileira é, hoje, uma sociedade aberta e democrática. Restabeleceu-se um clima de confiança. E a confiança é fundamental. É fundamental para que as nações tenham uma perspectiva, para que acreditem nelas próprias. Se elas não acreditam nelas próprias, não são capazes, sequer, de escolher governantes nos quais possam, amanhã, acreditar. Quando começam a acreditar nelas próprias, como é o caso da França e é o caso do Brasil, escolhem seus governantes. Podemos errar. Erramos freqüentemente. Mas sabe o País que os erros, quando mostrados que são erros, são corrigidos, porque há uma base de confiança e porque tudo que se faz tem como pressuposto a vontade de melhorar a situação do povo e do País.

Esta palavra-chave de confiança foi que permitiu, eu creio, essa retomada da esperança no nosso país. Esperança que, hoje, já se concretiza através de dados, que o dr. Carlos Eduardo mencionou, aqui, para todos nós e que eu não tenho necessidade de repetir. E a visita do presidente Chirac é exatamente um sinal muito claro de que essa confiança, agora, vai além dos limites da nação e que ela, hoje, é recíproca — do Brasil para com a França e da França para com o Brasil. Nós estamos confiantes na nossa parceria, no nosso futuro. E nós sabemos que a França e o Brasil vão trabalhar juntos, pela paz, por uma nova ordem internacional e pela possibilidade de que os dois países exerçam um papel, dentro de cada uma das suas respectivas possibilidades, de liderança, mas que não é de imposição, que é sem-

pre baseado no diálogo, na confiança democrática, na discussão.

Com esse espírito, eu ouvi do presidente Chirac, na reunião privada que tivemos, a nível de governo, palavras que são muito motivadoras, a respeito dos temas que poderiam parecer os mais delicados. E o presidente da Fiesp tocou em alguns deles.

O maior de todos é a questão agrícola. E, não obstante, não fui eu. Foi o presidente Chirac quem disse: Temos de tomar essa questão e desenvolvê-la num patamar de confiança e de reorganização do nosso pensamento a esse respeito, de tal modo que, juntos, possamos tirar vantagem de um intercâmbio crescente, não só do Brasil com a França, do Mercosul com a Europa, e não só do Mercosul com a Europa, mas no quadro mesmo da Organização Mundial do Comércio, uma redefinição das questões, mesmo da agricultura, que — repito — são, às vezes, as mais delicadas e possamos tomar decisões que beneficiem a todas as partes.

Isso só se pode fazer quando existe, realmente, a vontade política e quando existe, por trás dessa vontade política, a boa-fé, com ‘bona fide’, senão não se avança. O Brasil e a França têm relações que estão embasadas na vontade política e têm como motivá-las a boa-fé e a certeza de que os benefícios serão recíprocos.

Aqui, disse o presidente da Fiesp que se dirigia aos empresários paulistas e brasileiros e os que estão no Brasil, muitos dos quais são franceses e são nossos empresários também, e lutam conosco para o desenvolvimento do Brasil. Não existe mais uma atitude em que um, ao ver o outro crescer, desconfia de que vai perder. Não se trata de um jogo de soma zero. Aqui, nós esta-

mos propondo, entre a França e o Brasil — e é uma proposta que é mais que uma proposta, já se concretiza — em que os dois lados vão ganhar. E, ao ganhar os dois lados, queremos que muitos mais ganhem, e já me referi ao Mercosul e à União Européia.

E não creio, senhores e senhoras, que isso sejam apenas palavras. Daqui por diante — e temos já um programa de trabalho —, nós vamos, ordenadamente, organizar ou reorganizar as nossas relações, de tal modo que possamos superar os obstáculos que, eventualmente, existiam aqui e ali, organizadamente e sem perda de tempo.

A presença do presidente Chirac foi, realmente, marcante, está sendo marcante. E eu aproveito — como não terei oportunidade de segui-lo, durante todo o dia de hoje, em São Paulo —, para, de público, agradecer. Agradecer, primeiro, pessoalmente, às referências que me fez, com aquela generosidade à qual estou acostumado, porque vivi na França e conheço o espírito francês, de generosidade, no trato, sobretudo, daqueles que estão embasados no mesmo universo cultural, que é o universo cultural latino.

E eu sei que muito do que disse o presidente Chirac vai por conta dessa generosidade. Mas me tocou, pessoalmente — não apenas como presidente da República, pessoalmente —, sobretudo as palavras que disse diante do Congresso.

Mas quero agradecer, mais do que isso, como presidente da República. Quero agradecer o fato de que o presidente Chirac não se limitou a um contato em Brasília, com os governantes, e um contato formal, às vezes, com os que não são governantes, lá em Brasília. Foi ontem ao Rio, para dar um sinal muito claro de que a França conti-

nua absolutamente disposta a valorizar a cultura. E, sabendo que a cultura é universal, sabe, também, que ela só se universaliza quando existe uma formação muito forte, em cada uma das nações, e que serve, também, como expressão, ao mesmo tempo, daquilo que é nacional e daquilo que é universal.

Fomos assistir à exposição, inaugurar — viu-se pouco, é certo — a exposição de Monet e, em seguida, a influência de Monet sobre os brasileiros e, ao lado, a influência dos companheiros de Monet, na França. Mostrando que o presidente da República Francesa tem esse sentimento, de que o desenvolvimento econômico, o comércio, o investimento são fundamentais, mas que é preciso mais do que isso. É preciso uma expressão que dê um sinal de humanismo, uma expressão que mostre que os valores continuam a ser o guia que fundamenta a República e a sociedade.

Em seguida, o presidente Chirac, no Rio de Janeiro, se encontrou com a comunidade franco-brasileira, num encontro a céu aberto, de muito calor, calor humano e calor na temperatura. Mas pôde ver, lá, o carinho do povo do Brasil para com a França. E não se esqueceu de valorizar e me recomendou que eu o fizesse — e eu já o fiz — a comida brasileira. Comeu comida nordestina no Itamaraty, comeu comida do sul no Rio de Janeiro. E me disse palavras de entusiasmo — e com muita razão: ‘Um povo que não preza o que é seu, não consegue ser universal.’ Nós amamos a França, porque a França, sendo francesa, é capaz de transcender. E o Brasil, sendo brasileiro, vai estar junto com a França, tentando transcender os seus valores, na medida em que sejam valores humanistas, de paz, de solidariedade, de bem viver

— não de bom vivant —, mas de bem viver, no sentido de aproveitar, com grandeza e com simplicidade, aquilo que as nossas culturas são capazes de oferecer.

E hoje, está aqui o presidente Chirac tendo um contato direto com o setor industrial brasileiro, para mostrar que ele está diretamente — como eu estou — interessado em que das nossas palavras fluam, também, recursos; fluam, também, ‘joint-ventures’; flua, também, um desenvolvimento tecnológico; as parcerias aumentem. A França que está investindo, a França que está (...), no Brasil, e que pode colaborar nessa área, mais adiante. A França, que tem um desenvolvimento nas telecomunicações tão impressionante. A França que, hoje, nos ajuda, na recuperação do nosso setor energético. É uma França disposta — como também nós somos — a colaborar, e sempre, num clima de confiança mútua e de igualdade. Foi, portanto, uma visita muito completa, a do presidente Chirac.

Termino, senhores presidentes, senhoras e senhores, dizendo que se tudo isso foi feito, nós não devemos nos esquecer nunca de que é porque nós temos uma continuidade, no nosso relacionamento.

E eu agradeço ao embaixador do Brasil na França, Carlos Alberto, e agradeço ao embaixador da França no Brasil, que são nossos representantes, para dar seqüência, como foi para os preparativos deste momento, hoje, que eu diria de fraternidade entre a França e o Brasil.

E nada é melhor, justamente para a França, do que o Brasil poder ter — não digo ainda de igualdade —, mas, pelo menos, o sentimento de fraternidade. Porque o da liberdade nós já o temos. Muito obrigado.”